

ENSAIO DE SEPARAÇÃO E O COMPARTILHAMENTO NAS REDES: A PUBLICAÇÃO DIGITAL COMO PARTE DE UM RITUAL DE PASSAGEM

Érica Ribeiro Gama¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar como a mídia pode se transformar em uma ferramenta de marcação de acontecimentos na vida das pessoas. Ao passar por algum trauma, muitos recorrem ao desabafo online e buscam expor as suas dores para passar por cima das situações vividas. Dessa forma, as redes sociais atuam como uma ferramenta na atividade ritual de acontecimentos cotidianos e registram na vida de seus personagens pontos de mudanças, entre um antes e depois. Nascimentos, aniversários, mortes e casamentos são alguns dos eventos sociais registrados e publicados nesses espaços e, atrelado aos ritos já inseridos nesses sistemas, se inclui o compartilhamento desses momentos para os amigos – e para o mundo. Alguns deles, pela singularidade, ganham visibilidade na imprensa, reforçam o feito e fazem com que esses se tornem exemplos a serem seguidos ou descartados pela sociedade. Nesse sentido, se pode encontrar os valores sociais disseminados e esperados para esses rituais. Esse estudo preliminar sobre os efeitos da mídia nos eventos sociais particulares apresenta dois exemplos que recaem nos rituais de casamento e o uso do vestido da noiva como um signo recorrente para marcar o fim da relação - quando ele deixa de ser um símbolo da felicidade e, deslocado do seu lugar ritualístico mais tradicional, torna-se uma representação de autenticidade e independência. A partir do momento em que o ato é realizado e disseminado, ele funciona como um “ritual de passagem”, quando uma ideia de “vida nova” passa a ser permitida por aquele que o praticou e intensifica a ideia da centralidade da mídia na vida e nos eventos cotidianos da sociedade do século XXI.

Palavras-chave: ritual; casamento; divórcio; redes sociais; mídia.

No início de 2017, dois acontecimentos geraram *frenesi* nas redes sociais e acabaram chamando atenção de parte da mídia. Um deles, inclusive, foi dado, nesses espaços, como inspiração para uma das sequências da novela “A força do querer”, de Glória Peres, exibida pela Rede Globo no horário das 21h e que foi ao ar no dia 15 de maio. Na ficção, a personagem de Bruna Linzmeyer, Cibele, descobre a traição do noivo Ruy (interpretado por Fiuk) e, além de romper com o relacionamento, a ex-noiva busca na internet uma forma de expor o acontecimento: produz um vídeo e um ensaio fotográfico usando o vestido de noiva “pixado”, no estilo “trash the dress”²³.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). ericaribeiro@id.uff.br.

² Seria algo como “o vestido jogado no lixo”, uma tendência no mercado das fotografias de noivas, no qual o vestido se apresenta como se tivesse estragado – o que pode acontecer ao longo do ensaio fotográfico ou já ter iniciado dessa forma.

³ <http://gshow.globo.com/tv/noticia/vinganca-de-cibele-em-a-forca-do-querer-marca-novo-rumo-da-personagem.ghtml>. Acesso em 25 de maio de 2017.

Fonte da inspiração, o caso de Josiane Manhães ocorreu em dezembro de 2016, mas somente ganhou as redes sociais e a imprensa em janeiro de 2017. Assim como a personagem Cibele, ela descobriu uma traição do companheiro – mas já estava recém-casada. Para aplacar o sofrimento e pôr fim àquela relação, a professora recorreu à fotografia, e o ensaio considerado inusitado⁴ foi publicado por ela em seu perfil no Instagram junto a textos explicativos e/ou em tons de deboche.

A ironia também fez parte da publicação de Karlla Lima. Ao ter o fim do noivado a dez dias do casamento, com cerimônia, festa e viagem praticamente pagas e um ensaio pré-wedding pronto, ela decidiu não se entregar à tristeza e enfrentar a situação com bom humor. O resultado foi uma série de memes com as fotos dela vestida de noiva. O caso ganhou fama na rede pela *fanpage* no Facebook “Casarei em Brasília” que publicou a história em 3 de fevereiro de 2017⁵.

Imagem 1: Ensaios da personagem Cibele, da professora Josiane e da psicóloga Karlla



Em todos os casos indicados, mesmo o ficcional, parece haver uma necessidade de marcar o acontecimento socialmente, seja por vingança, por rancor ou mesmo uma tentativa de deixar o ocorrido no passado e partir para uma nova etapa da vida. De acordo com o antropólogo Arnold van Gennep (2013), rituais específicos são criados na tentativa de controlar os padrões de ordens gerais e o significado deles, e as atividades a eles pertencentes, quando praticadas em uma ordem específica, têm significados determinados (PEIRANO, 2003, p.18).

O casamento está no que van Gennep (2013) classifica como rito de passagem. Segundo o autor, o próprio fato de viver exige essas passagens, elas são etapas que

⁴ <http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,mulher-traida-comemora-divorcio-com-ensaio-sensual,10000099447>. Acesso em 25 de maio de 2017.

⁵ <https://www.facebook.com/CASAREIEMBRASILIA/posts/1509341832440091>. Acesso em 3 de maio de 2017.

marcam as fases e que têm como términos e começos conjuntos com a mesma natureza. Assim, o casamento marca a transição das pessoas para uma nova etapa e/ou *status*, neste caso, de solteiro para casado; e a sociedade entende a cerimônia como acontecimento para essa mudança. Eliade (2010) reforça o pensamento de van Gennep:

Por ocasião do casamento, tem lugar também uma passagem de um grupo sócio-religioso a outro. O recém-casado abandona o grupo dos celibatários para participar, então, do grupo dos chefes de família. Todo casamento implica uma tensão e um perigo, desencadeando, portanto, uma crise, por isso o casamento se efetua por um rito de passagem (ELIADE, 2010, p.150).

Ao falar sobre crise, Eliade não indica o divórcio entre os casais, mas sim a separação deles da vida que tinham anteriormente. Dessa forma, em algumas sociedades, é necessário um período especial nomeado como “margem” e comumente chamado de “noivado”: momento em que os noivos são preparados para a separação familiar e a formação de uma nova família (VAN GENNEP, 2013, p.108).

Os rituais de passagem, portanto, integram valores e ideias que configuram uma identidade pessoal, social, organizacional e de tradição cultural. Eles buscam orquestrar a vida humana por uma série de obrigações e regras, principalmente se tiverem por base a ordem religiosa, mas por vezes se adaptam por conta de mudanças sociais para continuarem ativos, como novas leis, interferências ambientais ou mesmo tecnológicas.

Dessa forma, ao contrário do que acontecia há décadas, o casamento do século XXI nas sociedades ocidentais e nas grandes metrópoles não representa mais um ritual de passagem para vida adulta ou um ato obrigatório para o início de uma vida a dois. Mas mesmo dentro desse contexto, as cerimônias continuam a existir e de forma cada mais elaborada e agregando mais etapas ao processo, como o noivado e a lua de mel.

A produção de fotos e vídeo pré-wedding dos noivos individualmente e/ou em casal é um exemplo. Esses produtos são utilizados como formas de recordação da vida “antes” do casamento e dos preparativos para ele, guardados ou exibidos durante a celebração da união para mostrar aos convidados esses momentos anteriores a mudança de *status*.

Nesse sentido, há uma incorporação de outras atividades no desenvolvimento do ritual. Bell (1997) acredita que o ato de se relacionar e participar dessa vida em sociedade permite que essas pessoas absorvam as ações e se adaptem a elas, modificando-as também de acordo com o contexto em que estão inseridas. Segundo ela, a vida cultural é dinâmica e exige atividades das pessoas, fazendo com que os rituais tenham base performativa. “O

ritual é uma ferramenta de alertas sociais, disputa e cultural. Um meio performativo para uma negociação em relacionamento”, afirma a autora (1997, p.79).

No entanto, até então, o comum era ver registros dos momento de junção do casal, mas de um tempo para cá, surgiram notícias como as destacadas neste artigo, que, em um paralelo, seriam os rituais de passagem para um novo-velho *status* – solteiro(a) ou divorciado (a). O que parece uma novidade até mesmo para os profissionais da área, como ressaltou o fotógrafo do ensaio de Josiane, Filipe Aragão, em uma entrevista para o Estado de S. Paulo: “...recebi uma proposta de realizar um ensaio, que no primeiro momento foi bem estranho, e para muitos de vocês também será: um ensaio de divórcio”⁶.

A necessidade de visibilidade e marcação de posição social

Enquanto sujeito de uma sociedade de consumo, ao ser enquadrado em uma posição social e assumir um papel – como casar, ter herdeiros e formar uma família -, ele sente a necessidade de conservar essas aparências e, para legitimá-las, precisa da aprovação dos outros. A publicização dos atos mantém essas imagens. E na medida em que a imagem tem crescente importância na sociedade, a exposição e a visibilidade tornam-se estratégias na construção de si.

Anteriormente, a sociedade estava pautada no que Riesman (1971) identificou como direção traditiva, a primeira fase apontada por ele ao estudar a conformidade das classes médias americanas com relação a formação do caráter em diferentes períodos. Neste primeiro momento, então, há uma busca pela estabilidade social, dessa forma, rituais, rotinas e religião ocupam e orientam as atividades sociais. Não existe um aspecto forte de individualização e a vida em sociedade se passa mais por adaptações e estabilidade social. O autor explica:

As casas consistem tipicamente de uma dependência, sem paredes para separar os grupos de idade e suas diferentes funções. Os lares também são, amiúde, unidades econômicas; o homem não sai para o escritório ou para a fábrica – e ele não vai longe. As pessoas ainda não se mostram tão preocupadas em poupar tempo a ponto de acharem que os filhos sejam um incômodo; na verdade, eles próprios talvez não se sintam, no fim das contas, tão diferentes das crianças (RIESMAN, 1971, p.104).

⁶ <http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,mulher-traida-comemora-divorcio-com-ensaio-sensual,10000099447>. Acesso em 25 de maio de 2017.

A segunda fase, da introdução, seria da transição. Nessas sociedades, a conformidade é assegurada por uma consciência sobre a individualidade, mas ainda possui uma estabilidade nas escolhas que as pessoas fazem, tornando-as ainda presas às tradições. A consequência é um indivíduo preocupado com o meio exterior a ele, um comportamento que se espera dele desde criança.

Sibilia (2008) destaca que, até esse momento, havia uma fronteira bem delimitada do que era espaço público e privado; ao se fechar a porta de casa, o que ficava de fora deveria permanecer lá fora. “Já o espaço privado era aquele universo infindável que remanscia do lado de dentro, onde era permitido ser ‘vivo e patético’ à vontade”, analisa Sibilia (2008, p.63).

Mas no fim do século XX, a delimitação entre os espaços públicos e privados começa a se apagar quando o reconhecimento social passa pelo poder da visibilidade. Mas não se sustena em abrir as portas, não é uma invasão de privacidade: é um fenômeno novo, em que as pessoas anseiam em mostrar a sua vida íntima, acreditando que, quanto mais conseguir ser visto, maior será a inserção social. Esse momento é visto por Riesman como característico do caráter alterdigirido:

O que há de comum entre todas as pessoas alterdigiridas é que seus contemporâneos são a fonte de orientação para o indivíduo – tanto aqueles que lhes são conhecidos, quanto aqueles que elas conhecem indiretamente, através de amigos e dos meios de comunicação de massa [...] Embora toda gente queira e necessite ser apreciada por algumas pessoas em alguns momentos, apenas os tipos modernos alterdigidos fazem disto a fonte principal da orientação e a área primordial da sensibilidade (RIESMAN, 1971, p.86).

O medo de outrora é substituído por um desejo voluntário em forçar os limites da vida privada, exhibir-se e falar de si mesmo (SIBILIA, 2008). Ao discorrer sobre o fenômeno da exibição da intimidade, Sibilia (2008) elabora um estudo sobre a composição do sujeito por meio das narrativas, com o objetivo de explicar a legitimação da “cultura de observação do outro”, alavancada pelas novas formas de produção “autobiográfica”.

A compreensão desse cenário ajuda a entender o crescimento das práticas contemporâneas de externalizar as ações íntimas nos últimos anos, como a profusão das redes sociais e dos *reality shows*, e ainda a perceber como a vida passou a ser valorizada pelo que pode render como história passível de consumo.

Por isso não nos surpreende que os sujeitos contemporâneos adaptem os principais eventos de suas vidas às exigências da câmera, seja de vídeo ou de fotografia, mesmo que o aparelho concreto não esteja presente – inclusive poderia adicionar um observador mordaz, porque nunca se sabe se você está

sendo filmado. Assim, a espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, com todo um arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade para “ficar bem na foto”. [...] Esse personagem tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma camera, disposto a se exibir em qualquer tela – mesmo que seja nos palcos mais banais da “vida real” (SIBILIA, 2008, p.49-50).

Nesse contexto de desejo de exibição do eu e reconhecimento que se desenvolve a profusão dos mais diversos conteúdos das vida íntima cotidiana das pessoas, principalmente, nos meios digital e que, por ganharem alguma notabilidade na rede, acabaram conquistando espaço na grande mídia. Assim, o século XXI apresenta o cenário ideal para essas narrativas acontecerem.

O desenvolvimento de novas tecnologias e o acesso a elas permitiram uma nova realidade: enquanto que no passado se dependia de jornais, revistas, rádio ou TV para se conseguir informações, já que esses veículos centralizavam o poder da seleção e transmissão da informação de acordo com o que achavam de interesse do público e gerassem audiência; no novo milênio se inicia com o sujeito tido como comum ganhando espaço midiático.

Segundo Sibilía (2008), não se pode relacionar a valorização da imagem publicizada somente às evoluções e às adaptações das práticas por meio das possibilidades tecnológicas. Tanto ela quanto Feldman (2008) indicam que há uma mudança na percepção do “eu”. As autoras recorrem ao comparativo entre sociedade disciplinar, conceito desenvolvido por Michael Foucault; e a sociedade de controle, mais conhecido por conta dos estudos de Gilles Deleuze, para explicar a presença de modo mais sistemático das pessoas na mídia, o interesse pela vida delas ou mesmo o desejo que essas têm de se expor.

É preciso que tudo se torne visível para que se possa não mais vigiar e punir – como nas modernas sociedades disciplinares -, mas espionar e premiar, controlar e estimular, constranger e liberar. Bonômios paradoxais modulares da experiência e da vida nas contemporâneas sociedades de controle, vida que tanto escapa às dominações quanto demanda ser por elas reativada, vida que reivindica a possibilidade de se furtar ao olhar alheio ao mesmo tempo em que solicita ser permanentemente observada (FELDMAN, 2008, p. 4).

Ao realizar cerimônias de casamento, o casal se adequa a uma realidade social e marca a união, como já indicado aqui; mas inserido em uma sociedade de consumo, o casamento busca valores de individualidade e apresenta a história dos noivos com grande riqueza de detalhes. E se procriação, exercício de fé, realização do sacramento e educação da prole já foram fundamentos para a constituição do casamento (LEITE, 2005; LINS

2013); o século XX apresenta outros valores para a união, como o amor e o companheirismo.

Celebrar o triunfo do amor então passa a ser o motivo dos investimentos em grandiosas festas de casamento. E entre todos os itens que fazem parte desse contexto, estão os registros e posterior divulgação desse momento. Há alguns anos, os casais reuniam as famílias para mostrar os momento vividos; mas neste século, fotos e vídeos são publicados em redes sociais, junto a textos e marcações de amigos – como se faz com diversas ações cotidianas desde a profusão dos blogs.

Outra vertente desta aluvião são os “diários íntimos” publicados na web, nos quais os usuários da internet contam suas peripécias cotidianas usando tanto palavras escritas como fotografias e vídeos. Trata-se dos famosos weblogs, fotologs e videologs, uma série de novos termos de uso internacional cuja origem etimológica remete aos diários de bordo mantidos pelos navegantes de outrora. É enorme a variedade dos estilos e assuntos tratados nos blogs de hoje em dia, embora sejam maioria os que seguem o modelo “confessional” do diário íntimo (SIBILIA, 2008, p.13).

Mesmo que os blogs ou perfis em redes sociais sejam algo para o sujeito expressar seus interesses e/ou intimidade é preciso que o mundo o enxerge. Para conquistar esse espaço, se faz “construções de si” para o reconhecimento do outro e responder as necessidades sociais e culturais de uma criação do eu (SIBILIA, 2008). Sob esta perspectiva há dois caminhos na construção do sujeito: no primeiro, ele busca uma inserção em um determinado ambiente, adequando-se a ele e esperando a aceitação no grupo; do outro lado, há uma necessidade de se destacar e, para isso, orienta-se para características que o tornem especial.

O fim como um novo começo: aceitação, confissão e exibição

“Por que um grande sonho se transforma em falência da instituição que ele devia proteger?” A indagação, feita por Pascal Bruckner (2013, p.33), critica diretamente a ideia de um casamento indissolúvel. Ele acredita que manter o matrimônio sem sentimentos recíprocos seria imoral e socialmente uma prisão, principalmente, para as mulheres. No Brasil, até os anos de 1970, o divórcio não era algo legamente constituído; o desquite passou a ser uma solução, mas não interrompia o vínculo conjugal, o que impedia um novo enlace, além de criar estigmas sociais.

Até então, a mulher separada era vista como prostituta e os filhos, problemáticos; o resultado era uma esposa infeliz mas que se mantinha casada para evitar os olhares da sociedade (FILHO apud DEL PRIORE, 2013). Mas após promulgação da Lei do Divórcio⁷ e as sucessivas mudanças sociais, políticas e econômicas com relação ao papel da mulher na sociedade, estas pararam de se conformar com o sofrimento de um casamento falido e passaram a buscar a própria felicidade.

Uma mudança parecia inevitável: sinônimo de maior liberdade, a metamorfose da família podia ser contabilizada na coluna dos ganhos sociais. E isso era recente, em um país onde o divórcio só foi aprovado em 1977. Outra mudança notável: deixava de ser vergonha e, ao contrário, tornou-se quase uma exigência que a mulher tivesse seu lugar ao Sol no mercado de trabalho. Ambas as mudanças – aumento do divórcio e participação da mulher no universo profissional – estavam muito relacionadas” (DEL PRIORE, 2013, p.86).

O resultado dessas mudanças é o amor como centro da vida a dois, um vínculo entre pessoas que não precisam obrigatoriamente estarem juntas e o fazem porque desejam. Dessa forma, casamentos são feitos e desfeitos de acordo com os acontecimentos: “a infidelidade, a perda e as traições formam a base das intrigas, e o desencanto se torna mais forte, na medida em que as alianças são voluntárias e não mais impostas”, afirma Bruckner (2013, p.39).

Os dois casos exemplificados neste artigo demonstram alguns dos motivos para a dissolução da união: a traição e a imaturidade. Nos dois casos, o término do relacionamento teve como foco a mulher e a forma elas trataram o assunto. Em uma tentativa de deixar no passado o ocorrido, elas recorreram às redes sociais.

No primeiro caso, como já descrito, Josiane Manhães descobriu a traição no recém-casamento e se separou. Para marcar o momento, fez um ensaio fotográfico usando o vestido de noiva e, em tom de ironia, escreveu nele dizerem como “Felizes para sempre” e “Até que a morte os separe”, fazendo uma alusão direta ao que se deseja com o casamento. Mas o que poderia ter ficado entre “quatro paredes” ganha o espaço público a partir do momento que Josi publica as fotos em seu perfil no Instagram⁸ e publiciza o acontecimento.

⁷ Emenda constitucional número 9 de 28 de junho de 1977 e regulamentada pela lei 6515 de 26 de dezembro do mesmo ano, de autoria do senador Nelson Carneiro. Disponível em <https://ibdfam.jusbrasil.com.br>. Acesso em 12 de abril de 2017.

⁸ Endereço do novo Instagram da noiva @josimanhaesbem, o antigo, @josianesmanhaes, em que as fotos foram publicadas inicialmente, foi desativado.

Inicialmente percebe-se que o ensaio dela foi somente um desabafo sobre o caso. São vinte fotos, com a primeira publicada em 26 de janeiro de 2017⁹ sob a hashtag #ensaiodedivorcio; no entanto, as imagens ganharam a imprensa e geraram um sentimento de orgulho. Dessa forma, no lugar de uma mulher que se envergonharia pela traição e posterior divórcio – como acontecia há alguns anos –, aparece uma mulher que busca a felicidade.

A história de Josi foi explorada pela imprensa em janeiro – Estadão, Rádio Globo, R7 e revista Glamour foram alguns dos veículos que propagaram a notícia –, mas a movimentação em torno dela voltou ao fim do mês de abril, ao ter sido inspiração para o desenvolvimento uma das narrativas da novela “A força do querer”, com a personagem Cibele, fato confirmado pela autora Glória Perez pelo Twitter e comemorado por Josi.

Imagem 2: Comentário de Josi sobre a matéria do Globo online sobre a novela

The image shows a screenshot of a news article on the website 'O GLOBO'. The article is titled 'Rock story: Gui ameaçará mãe de Zac' and is dated 27 de Abril de 2017. The main text discusses the character Cibele (Bruna Linzmeier) and her relationship with Ruy (FiuK) in the novela 'A força do querer'. There is a 'VOTE' section asking readers to support either Ruy (FiuK) or Zeca (Marco Pigossi). Below the article, there is a comment from a user named 'josimanhaesbern' with 101 likes. The comment reads: 'Essa história é minhaaaaaaaaa!!!!!!!!!!!!!! Deixa o povo se divertir , de fato fui muito criativa e tudo que é bom deve ser copiado !'. Other users have also commented, including 'karine_barreto0' and 'jhone_sousa_js'.

Fonte: Instagram

⁹ Reprodução na Imagem 1.

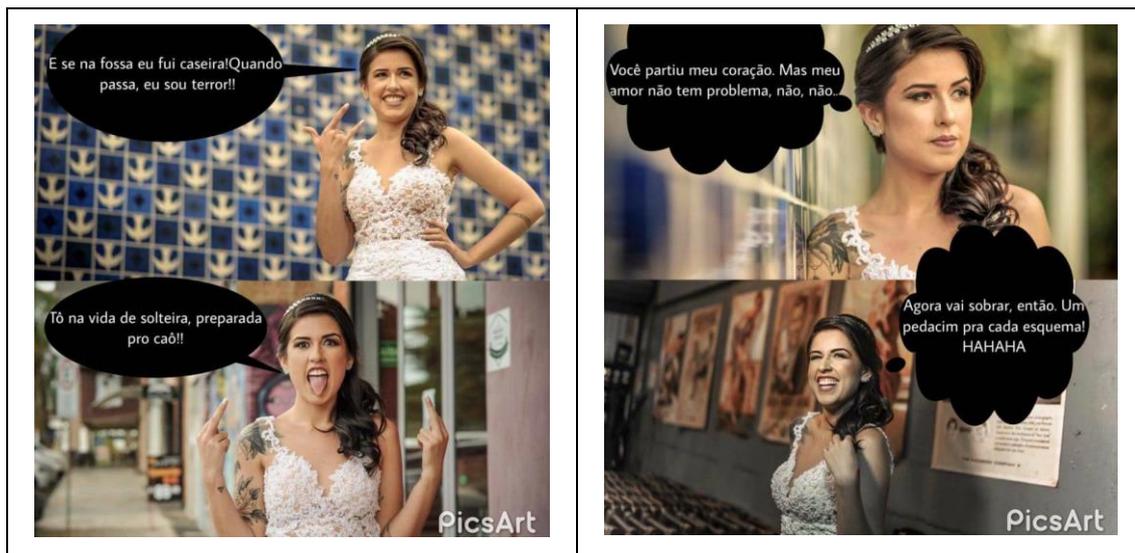
A cada inserção midiática, Josiane Manhães faz uma chamada em seu perfil, o último registrado aqui foi em 20 de maio de 2017, quando ela iria dar entrevista em um programa da Rede Gazeta. Em um dos comentários ela expressa bem esse novo momento da mulher no momento da separação: “Foquei em mim! Estou saindo com as amigas, trabalhando muito graças a Deus, e não ficou absolutamente nada ligado a ele na minha vida! [...] Tô muito feliz, seguindo sempre em frente, tenho orgulho do ensaio que fiz, estou me divertindo muito com isso tudo. Eu vivo o momento, e meu momento com ele ficou no passado”, escreveu no Instagram.

A partir do comentário de Josi, percebe-se como o registro e a publicação das fotos foi um marco na vida para pôr fim ao relacionamento. Ao se colocar como uma pessoa sociável (“saindo com as amigas”) e dedicada ao trabalho, ela tenta mostrar que é uma mulher independente do casamento e contente das decisões que tomou, apoiada por seguidores e alunos.

A fama alcançada na imprensa veio principalmente pelo inusitado: a comemoração de um divórcio. E pela mulher - o que deve ser destacado. No caso de Karlla Lima, o casamento nem chegou a acontecer. Após o rompimento, a ex-noiva resolveu deixar a tristeza de lado e tentar encarar o fato de uma forma não-convencional e altamente atual: transformou as fotos produzidas para o pré-wedding em memes, quando o vestido de noiva também passa a ser o centro da produção.

A publicação, feita no dia 3 de fevereiro de 2017, na fanpage “Casarei em Brasília”, possui sete imagens e, no mesmo dia, ganhou espaço na imprensa. A mensagem junto à postagem busca explicar o ocorrido: “Eu fiz um post dizendo que havia cancelado meu casamento e que estava repassando meus contratos, depois disso, várias noivinhas do grupo vieram falar comigo no messenger. Perguntaram como eu estava, mandaram mensagens lindas, algumas tentando promover reconciliações, algumas reagindo com muita tristeza”, escreveu Karlla ao “Casarei”.

Os memes dela, de forma geral, buscam brincar com a situação, fazendo piadas sobre o término do relacionamento, no entanto, alguns demonstram claramente a posição social a qual Karlla voltou a ocupar - o *status* de solteira: “E se na fossa eu fui caseira, quando passa, eu sou o terror! / Tô na vida de solteira, preparada pro caô” ou “Você partiu meu coração. Mas meu amor não tem problema, não, não... / Agora vai sobrar, então. Um pedacim pra cada esquema. HAHAHA”.

Imagem 3: Memes produzidos por Karlla para o fim do noivado

Fonte: Facebook @casareiembrasil

A publicação teve um grande alcance em pouco tempo: foram 1,3 mil reações, 135 compartilhamentos – mais de 100 deles em menos de 4 horas da postagem – e 176 comentários – com quase 80% sendo de mulheres. Com a rápida propagação da história na rede, jornais e revistas online também publicaram o caso. No Metrôpolis¹⁰, um dos primeiros ao qual deu entrevistas (no mesmo dia), ela confessou que decidiu fazer a brincadeira para que as pessoas não sentissem pena dela e pudessem rir com a situação.

Apesar do desejo de Karlla, os comentários da publicação demonstram uma certa compaixão, tentando consolá-la. E enquanto a imprensa focou no que chamou de abandono do noivo a dez dias do casamento, os seguidores da página pouco deram importância a ele e, quando o fizeram, era para aumentar a auto-estima da protagonista da história. Comentários como “Nem sei quem é essa garota que eu já respeito tanto...” (Adriana Soares Neves), “agora vai ser feliz de verdade” (Stephany Brauna) e “Ele é um fraco, indeciso e imbecil. Agora virou passado” (Marcelo Siqueira) foram comuns.

Outras, além de buscarem exaltar o feito de Karlla também se referiram ao ato como uma vingança que vai gerar arrependimento: “essa mulher é foda! (Com todo o meu respeito e o perdão da má palavra! Mas é que não consigo imaginar outra expressão!)... tenho certeza que o bandido do noivo não tinha ideia da mulher forte, guerreira, positiva, de bem com a vida e digna com quem ia se casar! quer saber? Bem feito pra ele!” (Lorena Lorena).

¹⁰ <http://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/noivo-foge-de-casamento-e-mulher-faz-memes-para-superar-termino-no-df>. Acesso em 20 de maio de 2017.

Mas somente os amigos parecem ter entendido o “recado” e buscaram a diversão no caso – que pode ser verificado na Imagem 3, na qual, em um dos comentários, Karlla é marcada e responde a amiga (no destaque).

Imagem 4: Comentários feitos na publicação do Casarei em Brasília



Fonte: postagem o Casarei em Brasília

Os casos destacados neste artigo articulam ideias muito próximas com relação ao fim de um relacionamento: a forma como se lida com a situação. No entanto, salientam um novo aspecto nesse sentido e trazem a tona a necessidade de exibir publicamente um acontecimento da vida íntima que até bem pouco tempo era constrangedor e encoberto socialmente – ao menos não amplamente divulgado.

No entanto, os tempos são outros. O momento de transição do noivado para o fim do casamento há poucos dias da cerimônia ou do casamento propriamente dito é assinalado. O que seria considerado “luto” é marcado pelo escárnio com situação vivida: no lugar de transmitir sofrimento e dor, a noiva passa a ser considerada forte, valente e independente pelo modo como tratou o assunto; e as publicações funcionam como uma

ação que reestabelece um *status* anterior ao relacionamento – de noiva ou casada para solteira – e que determina um novo momento na vida dessas pessoas que, aceitaram, confessaram e assumiram o rompimento e exibiram para ciência da sociedade (RIESMAN, 1971; SIBILIA, 2008).

Com o colapso das hierarquias sociais, a importância do reconhecimento pelos outros se torna fundamental para identificação dos papéis sociais, conquistada, na sociedade contemporânea, pela autorrealização. Taylor (2011) sustenta o argumento de que a autenticidade faz parte de todas as formas de individualismo e que ela não destaca somente a liberdade de cada um, mas propõe modelos de convivência em sociedade.

Há dois modos de existência social para que isso ocorra. O primeiro, segundo o autor, relacionado “à noção de direito universal no qual todos deveriam ter o direito de serem eles mesmos” (TAYLOR, 2011, p.52) e o segundo recai sobre os relacionamentos na esfera íntima.

Esses são vistos como sendo o principal locus de autoexploração e autodescoberta e entre as formas mais importantes de autorrealização. Tal visão reflete a continuidade de uma tendência na cultura moderna que está velha há séculos e coloca o centro de gravidade da vida boa não em alguma esfera superior, mas no que quero chamar de “vida ordinária”, isto é, a vida de produção e da família, do trabalho e do amor. Não obstante, ela ainda reflete outra coisa que importa aqui: o reconhecimento de que nossa identidade exige o reconhecimento dos outros (TAYLOR, 2011, p.53).

No entendimento de Taylor, a busca por autenticidade não pressupõe exclusões, mas escolhas que formam a identidade do sujeito e não devem se concentrar na autorrealização, já que bloquearia outras demandas da vida, minimizando significados e resultando numa banalização. Além de envolver a abertura de horizontes e o reconhecimento do outro, a autenticidade pode se desenvolver em outros aspectos. Relacionada à originalidade, ela pode acabar se opondo às regras da sociedade e desconstruir comportamentos e modelos adotados e aceitos. A autenticidade, então, se afasta da chamada “cultura do narcisismo” por estar sempre relacionada ao reconhecimento dos signos pelos outros, o que contraria a autocentralidade do narcísico.

Neste sentido, é compreensível que não somente o casamento seja uma realização desejada para o início de uma nova vida, mas também quando do seu término. Mesmo que dois momentos não sejam encarados como rituais de passagem – somente o casamento até então –, eles se aproximam em seus objetivos. Compostos das mais

diversas formas, eles exercem a função de marcar uma mudança de vida, levando de um estágio a outro e oficializando o acontecido socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como afirmar que haverá um ritual de divórcio, mas podemos indicar a necessidade de marcar socialmente um novo *status* social – seja ele casado ou solteiro. Nos casos indicados aqui, as mulheres foram protagonistas das histórias, apesar do fato atingir o casal, em um tipo de autobiografia compartilhada na rede. Possivelmente isso se deve a dois fatores: (1) pela ideia do casamento, no senso comum, ser um sonho da mulher e, com o fim dele, no lugar deveria vir o “pesadelo”, com um período de isolamento e depressão; (2) essas mulheres não seguiram o esperado: expuseram o fim do relacionamento e se propuseram a seguir em frente.

Essa contradição foi um marco nesses casos e até por isso mesmo viralizam nas redes sociais e ganharam a imprensa. Se por um lado as estéticas já de domínio social – o primeiro caso, no estilo sensual; e o segundo com os memes –; por outros, elas se apropriaram de um ícone do casamento – o vestido de noiva – e deslocaram o sentido, o colocando no lugar de símbolo da separação, em uma espécie de estilização da experiência com esse signo.

Dessa forma, o registro imagético e a publicação do ato conquistaram o que foi proposto a se fazer: mostrar a sociedade que o casamento acabou e que agora elas estavam solteiras, e pode ir além: elas apresentam uma forma diferente no comportamento da mulher diante dos términos dos relacionamentos. Elas dizem indiretamente: “você pode ser feliz”. Com a ação, o processo de mudança se dá repentinamente na sociedade – após ela, já se pode seguir a nova vida; assim como acontece após o casamento.

Apesar de não ter sido a intenção desse artigo debater o papel da mulher na sociedade, não há como ignorá-lo. Historicamente, o lugar que a mulher exerce no casamento foi construído e colocado em diversos padrões aceitos por séculos e que, apenas no fim do século XX, começa a ser transformado.

Ao usar as imagens do pré-weeding como memes e transformá-los em válvula de escape ou mesmo o vestido de casamento para um ensaio sensual de divórcio, essas mulheres desenvolvem ações consideradas desvios e passíveis de viralização na rede e

pauta para a grande imprensa e, assim, quebram padrões, construindo um outro posicionamento social da mulher no casamento e também com o fim dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, Catherine. **Ritual**. Perspectives and dimensions. Oxford University Press, 1997.

BRUCKNER, Pascal. **Fracassou o casamento por amor?**. Tradução Jorge Bastos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. 1.ed. São Paulo: Planeta, 2013.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FELDMAN, Ilana. **Reality show**: um dispositivo biopolítico. Colóquio Internacional Televisão e realidade. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea. Grupo de análise de telejornalismo. 21 a 24 de outubro de 2008. Disponível em <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Ilana%20Feldman.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2014.

LEITE, Eduardo de Oliveira. **Direito civil aplicado**, volume 5: direito da família. São Paulo: Editora Revista Tribunais, 2005.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Vol.2. Do Iluminismo à atualidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. E-pub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. Um estudo da mudança do caráter americano. C. Sociais. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. Coleção abertura Cultural. São Paulo: É realizações, 2011.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Tradução: Mariano Ferreira. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.